

# Com seriedade, só há vantagens

De modo geral, o convênio para a assistência médico-hospitalar em Medicina de Grupo custa hoje em São Paulo, em média, 10 por cento do salário-mínimo por beneficiário. Pela regra geral, o empregado ou beneficiário nada paga pelos serviços básicos do convênio. O pagamento só é exigido quando o beneficiário pretende serviços mais sofisticados, melhores instalações (quartos ou apartamentos individuais, acompanhantes) ou itens não cobertos pelo convênio.

A experiência de mais de 10 anos tem aprovado (e aprimorado) a solução da Medicina de Grupo. É um caminho complementar à ação do Estado e em nada se opõe às atividades médicas liberais e particulares. Na prática, todos são beneficiados. O INPS — que vive sobrecarregado pelo ônus da assistência médico-hospitalar cada dia mais cara — transfere essa responsabilidade para o setor privado. Os serviços melhoram sempre, com a Medicina de Grupo. As empresas que contratam serviços de Medicina de Grupo para seus empregados são unânimes em reconhecer os benefícios e os efeitos globais dos convênios. Os empregados preferem o atendimento em consultórios e ambulatórios de melhor padrão e estão dispostos a pagar por qualquer sofisticação extra, desde que lhes sejam garantidos os serviços de assistência

indispensáveis e a qualidade dos serviços.

A Medicina de Grupo não se confunde com o Seguro Saúde individual. Neste, os custos são sempre cobertos por tabelas progressivas, que incluem praticamente qualquer tipo de assistência clínica, médica, cirúrgica e hospitalar. Mas o seguro individual ainda não foi também regulamentado — embora já seja objeto de contratos de algumas empresas de porte e numerosas outras de menores dimensões que se lançam no mercado.

O que parece preocupar as autoridades é o cuidado em preservar o setor de aventureiros, de grupos de inidôneos — morais e profissionais — que venham desmoralizar as iniciativas predominantemente bem sucedidas e a experiência positiva já conseguida no País. Há também algumas resistências de nomes respeitáveis da Medicina que a título de preservar a atividade liberal condenam radicalmente todas as formas de convênios de grupo, acusando as entidades seus dirigentes de “mercantilizar” ou “socializar” a Medicina. O debate não está terminado nem deve cingir-se ao terreno político ou filosófico. O que vale a pena hoje é avaliar as possibilidades de associação da iniciativa privada com a Previdência Social, de que a Medicina de Grupo é uma das formas mais positivas.